

## CONTRIBUIÇÕES DO CURSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA NA MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA COM ALUNO AUTISTA EM PARNAMIRIM/RN

Andreia Silva de Lima <sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo descrever a contribuição do curso de formação continuada em Educação Especial no contexto da sala de aula regular. O curso foi disponibilizado na plataforma da Escola de Governo do Rio Grande do Norte. Com o tema “A tecnologia assistiva e as possibilidades para práticas pedagógicas inclusivas” e a partir das leituras e realização dos módulos, novas possibilidades de metodologias foram socializadas. Dentre as sugestões de recursos e práticas pedagógicas a plataforma de criação de histórias, se tornou uma possibilidade de motivação e aprendizagem para mediação pedagógica com aluno autista matriculado na turma do 7º ano do ensino fundamental II. A professora de educação especial, cursista dessa formação continuada, realizou a implementação no plano de ensino individualizado (PEI), inserindo a vivência do aluno autista com o software e resultados reveladores foram observados. Portanto, mediante o estudo de caso, a leitura do artigo trará importantes reflexões e sugestões do fazer pedagógico na sala de aula regular na perspectiva da educação inclusiva no atendimento ao aluno.

**Palavras-chave:** Educação Inclusiva, Transtorno do espectro autista, Software, Plano de ensino individualizado.

### INTRODUÇÃO

O curso de formação continuada em educação especial, com apoio da SUESP/SEEC (Subcoordenadoria de Educação Especial/ Secretaria Estadual de Educação e Cultura) no ano de 2022, em sua segunda edição, contemplou educadores da rede estadual e municipal do Rio Grande do Norte. O objetivo do curso foi contribuir para o aprimoramento das práticas pedagógicas inclusivas a partir da utilização das tecnologias assistivas para favorecer o processo de ensino-aprendizagem do estudante com deficiência. Com uma carga horária de 120 horas e dividido em 5 módulos: 1º Introdução a tecnologia assistiva; 2º Estratégias e práticas relativas ao uso da tecnologia assistiva para pessoas com o transtorno do espectro autista; 3º Práticas inclusivas para o atendimento aos estudantes com deficiência visual; 4º Práticas pedagógicas para o atendimento aos estudantes com deficiência intelectual; 5º A utilização de estratégias, recursos e diversificação dos espaços de ensino e aprendizagem para estudantes com deficiência auditiva, surdez e surdocegueira. Desenvolvido na modalidade à distância, na plataforma da

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte UERN – [andriacacau@yahoo.com.br](mailto:andriacacau@yahoo.com.br);

Escola de Governo, cada aluno organizava seu tempo de estudo e em cada final de módulo uma atividade avaliativa era realizada. E como afirma Kenski (2007 p.103): Professores bem formados conseguem ter segurança para administrar a diversidade de seus alunos e, junto com eles, aproveitar o progresso e as experiências de uns e garantir, ao mesmo tempo, o acesso e o uso criterioso das tecnologias pelos outros. Ser professora e ao mesmo tempo vivenciar a experiência de ser aluna foi motivador e no decorrer das aulas um artigo trouxe reflexões sobre a importância de se trabalhar a história social com crianças no espectro autista na sala de aula. No artigo as autoras relataram a utilização de histórias sociais para diminuir comportamentos inadequados e aumentar comportamentos adequados em dois alunos autistas. Através deste artigo conhecemos a plataforma de criação de histórias (plataforma digital onde podem ser construídas histórias com diversos personagens, cenários em formato quadro a quadro), e trouxe possibilidades de utilização na sala de aula. Nesse contexto um questionamento surgiu: a utilização da plataforma de criação de histórias poderia contribuir na aprendizagem e ser inserido no plano de ensino individual (PEI) do aluno autista? O aluno José (nome fictício), 12 anos, com autismo nível 2 de suporte, não estava adaptado a rotina da sala de aula, com dificuldade de comunicação e a minha inquietação para incentivá-lo a permanecer na sala de aula era frequente. Vale salientar que os professores das áreas específicas estavam disponíveis para contribuir na aprendizagem do aluno, porém, na maioria das vezes eram aulas expositivas que não atraíam a atenção de José. Portanto, com as sugestões apresentadas no curso e o desenvolvimento concomitante da pesquisa a relação teoria e prática foi realizada. Desta forma, o objetivo da pesquisa foi desenvolver situações de aprendizagem com a plataforma de criação de histórias com o aluno em sala de aula. Assim, o estudo se desenvolveu em uma abordagem qualitativa, com pesquisa documental, coleta e tabulação de dados, pesquisado no ambiente onde ocorre o fato, o campo de execução/locus do trabalho foi a sala de aula regular de uma escola estadual do município de Parnamirim/RN.

## **METODOLOGIA E REFERENCIAL TEÓRICO**

O aluno José (nome fictício) é autista, isto é, apresenta um transtorno do neurodesenvolvimento, com a idade de 12 anos, matriculado no 7º ano, há um ano frequenta a escola estadual. Sua visão do espaço escolar demonstrou ser positiva pois, não se recusou a ficar na escola e aceitou bem a professora da educação especial e a cuidadora. Faz acompanhamento no contra turno na sala de recursos multifuncionais uma vez por semana. A mãe relatou que José ainda está aprendendo o horário de ir ao banheiro, sempre precisa ser

lembrado se quer fazer as necessidades fisiológicas e precisa de ajuda para se limpar e vestir sua roupa. O aluno não faz nenhum acompanhamento terapêutico pois, ainda não há vaga na rede pública. José é um adolescente muito inteligente, autodidata pois, é alfabetizado em Português e fluente em Inglês. Tem limitações na fala e a forma de comunicação usada com ele é sempre criando uma pergunta curta e que ele responda sim ou não. A coordenação motora fina em construção contudo, tem desenvoltura em utilizar o mouse e fazer suas pesquisas de desenhos e vinhetas que gosta de assistir na internet. O grande desafio enquanto aluno, é entrar e permanecer na sala de aula bem como se acalmar quando é contrariado. Tem muito interesse em números e lê de forma fluente, gosta de massinha de modelar, manipular objetos que façam pequenos sons e são muito usados quando ele se desorganiza. Fica fascinado com bolas de encher coloridas, tem interesse em formas geométricas e jogos da memória. No aspecto cognitivo, como já foi relatado, lê de forma autônoma, apesar da sua fala não ser, às vezes, tão clara. Com relação às atividades escritas, ele demonstra resistência contudo, acaba fazendo todas as atividades propostas. A interação com os professores da sala regular ainda está em construção pois, como ele ainda não entra e permanecia muito tempo na sala de aula regularmente e o contato dos professores com ele se dá no pátio ou em algum momento que se encontram nos corredores, secretaria, sala de recursos, direção, quadra, bancos em baixo da árvore, coordenação pedagógica que são os espaços que ele frequentava com mais frequência. Construindo o Plano de Ensino Individualizado (PEI), mediante a entrevista com a família, o diálogo com os professores das áreas específicas, houve a construção do PEI. Conceituando (Rio Grande do Norte 2018,p.37): O PEI é um recurso pedagógico centrado no estudante, elaborado de forma colaborativa por estudante, professor da sala de aula regular, professor da Educação Especial, professor da SRM, família e equipe multiprofissional, que estabelece metas acadêmicas e funcionais que contemplem as habilidades psicomotora, socioafetiva, cognitiva, de linguagem e comunicação, de autonomia (atividades de vida diária e prática) e sensoriais. A construção do PEI é obrigatória da rede estadual de ensino do Rio Grande do Norte e sua organização fica a cargo da professora de educação especial que acompanha o aluno com deficiência na sala de aula regular. O documento deve ser feito de forma colaborativa e atendendo as necessidades e potencialidades do aluno. Mediante o relatório realizado e a delimitação da problemática com relação a parte comportamental do aluno José, a utilização da vivência com o software foi uma possibilidade interessante. Desta forma o documento foi construído levando em consideração a necessidade de motivar o aluno na sua adaptação e aprendizagem no espaço de sala de aula.

**PLANO DE ENSINO INDIVIDUALIZADO**

**IDENTIFICAÇÃO:** –Aluno José 12 anos. Escola Estadual, 7º ano, turno matutino (disciplinas envolvidas: Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Geografia) professores da turma

**HABILIDADES, POTENCIALIDADES E POSSÍVEIS BARREIRAS À APRENDIZAGEM**

O aluno tem dificuldade na oralidade, coordenação motora fina e grossa mas, tem facilidade na Língua Inglesa, manusear notebook e celular.

**COMO APRENDO?**

Aulas na sala de informática causam maior atenção do aluno, atividades de recorte e colagem.

**OBJETIVOS A SEREM ALCANÇADOS**

Desenvolver situações de aprendizagem que estimulem a leitura, criatividade e motivação em sala de aula.

**PERÍODO:** 15 dias

**CURRÍCULO E CONTEÚDOS**

- Empregar as regras básicas de concordância nominal e verbal em situações comunicativas e na produção de textos em Português e Inglês;
- Mobilizar conhecimentos prévios para compreender texto oral;
- Cumprir as regras da sala em forma de combinados.

**PROCEDIMENTOS**

- Apresentação da plataforma de criação de histórias
- Construção de 3 quadros com o cenário da sala de aula
- Escrita de um pequeno diálogo entre os personagens criados
- Impressão da história produzida e socialização com a turma

**AVALIAÇÃO**

Será através da observação da participação, assiduidade, respeito aos combinados da turma e realização satisfatória das atividades propostas.

**RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Durante a execução do plano a turma e os professores de José ajudaram na estimulação e motivação do mesmo na sua adaptação. Sobre o aluno autista no espaço escolar, Cunha (2015,

p.89) reforça: O grande foco na educação escolar deve estar no processo de aprendizagem e não nos resultados, porque nem sempre, eles virão de maneira rápida e como esperamos. É preciso atentar para a carga afetiva do aprendente, observando aquilo que possui funcionalidade para ele. O desenvolvimento da atividade ilustrou a citação acima valorizando as pequenas conquistas ao longo do processo. A produção do aluno foi bem satisfatória pois demonstrou a adesão do mesmo a realização da atividade. O aluno teve facilidade em entender os comandos como por exemplo, escolher as emoções. José ficou longos períodos alternando raiva, alegria e choro das personagens indicando sua compreensão ou tentativas de entendê-las. Porém a construção de um diálogo entre as personagens não foi contemplada nessa atividade pois, ainda é um nível de aprendizagem para ser mais trabalhado no decorrer do ano letivo. Rego (2014, p.74) cita Vygotsky e esclarece que: Através da consideração da zona de desenvolvimento proximal, é possível verificar não somente os ciclos já completados, como também os que estão em via de formação, o que permite o delineamento da competência da criança e de suas futuras conquistas, assim como elaboração de estratégias pedagógicas que a auxiliem nesse processo. A produção do aluno foi bem interessante pela criatividade e as experimentações realizadas.

Observou-se durante a execução da atividade que o aluno ainda precisa de mais subsídio de estímulos para perceber a necessidade da escrita. Outro ponto de interesse do aluno na plataforma foi a possibilidade de modificação de posições, roupas, cabelos e acessórios das personagens favorecendo a percepção da orientação espacial, cores entre outros. O cenário retratando uma sala de aula favoreceu o diálogo sobre como é bom estudar, estar na sala de aula e o aluno José ouvia do seu jeito e no seu tempo.

A utilização do notebook bem como o uso da internet foi acessível na escola e o aluno José tinha autonomia e conhecimento dos comandos necessários para ligar, desligar, entendendo as funcionalidades de forma autônoma. Apesar da sua comunicação ser restrita o aluno demonstrou desenvoltura na utilização da plataforma. Como explica Belisário (2010, p.15) sobre o desenvolvimento da linguagem: Os prejuízos na comunicação também são marcantes e podem afetar habilidades verbais e não verbais. Pode haver atraso ou falta total de desenvolvimento da linguagem falada. Naqueles que chegam a falar, pode existir prejuízo na capacidade de iniciar ou manter uma conversação, uso estereotipado e repetitivo da linguagem ou uma linguagem idiossincrática (uso peculiar de palavras ou frases não possibilitando entender o significado do que está sendo dito). A dificuldade enfrentada com o aluno também era no momento ao desligar o notebook pois, ele não aceitava no primeiro momento, chorava muito e tinha que ser convencido para sair daquela atividade.

Vale salientar que em alguns momentos a desorganização sensorial por algum som na sala de aula o aluno ausentava-se da mesma e ficava por um tempo realizando a atividade na sala de informática onde o silêncio o acalmava novamente. Desta forma a vivência foi realizada no período planejado e os ajustes serão feitos na continuação dessa estratégia pois, se tornou uma fonte de motivação e incentivo para José.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso de formação continuada em educação especial reforçou a necessidade de estar com constante atualização com relação as tecnologias digitais. A aula expositiva é importante porém, devemos perceber que existem outras formas de mediar o conhecimento utilizando formas interativas e inovadoras. A falta de tempo do profissional da educação é notória pelo acúmulo de atividades na escola e realizar um curso a distância contribuiu para a realização do mesmo. As temáticas foram esclarecedoras e trouxeram reflexões com relação a teoria e a prática em educação inclusiva. O fazer pedagógico na área da educação especial ainda é muito solitário pois, ainda existe o preconceito e a falsa impressão que o aluno com deficiência não aprende. Muitas vezes os professores das áreas específicas querem interagir com o aluno com deficiência mas, ainda não se sentem preparados para realizar a mediação pedagógica. Com o estudo de caso houve a possibilidade de perceber que a realização de uma atividade com recurso digital favorece o engajamento do aluno com deficiência. A sugestão do uso da plataforma de criação de histórias facilitou a interação com o aluno José que enfrentava dificuldades de permanecer na sala de aula. A atividade motivou o aluno a permanecer na sala de aula, o contato com os colegas da sala, a curiosidade deles ao vê-lo manusear o notebook de forma autônoma e admirarem sua inteligência. Portanto todos os alunos são capazes de aprender e precisam ter esse direito assegurado para exercer sua cidadania.

## REFERÊNCIAS

BELISÁRIO FILHO, José Ferreira. CUNHA, Patrícia. A educação especial na perspectiva da inclusão escolar: transtornos globais do desenvolvimento. Brasília, 2010.

CLEVER PROTOTYPES, LLC. Storyboardthat . ‘Copyright’ 2023. Plataforma digital onde podem ser construídas histórias com diversos personagens, cenários em formato quadro a quadro. Disponível em Acesso em 11/08/2023.

CUNHA, Antônio Eugênio. Práticas Pedagógicas para a inclusão e diversidade. 5. ed. Rio de Janeiro; Wak Editora, 2015

KENSKI, Vani Moreira. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação.5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

REGO, Teresa Cristina. Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 25. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

RIO GRANDE DO NORTE, Secretaria de Educação e da Cultura. Documento Curricular do Estado do Rio Grande do Norte. Dados eletrônicos. Natal: Offset, 2018. Disponível em < documento ensino fundamental.PDF> Acesso em 11/08/2023